

## Multissemioses em charge e tira: uma análise dos significados composicionais<sup>1</sup>

Multisemiosis in cartoons and comic strips: an analysis of compositional meanings

Diones Bezerra de Souza  
Maria Margarete Fernandes de Sousa

245

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a manifestação do significado composicional em charge e tira de temática ambiental. Esta análise segue os desdobramentos da Semiótica Social: a abordagem multimodal (Kress; van Leeuwen, 2001) e a Gramática do *Design Visual* (Kress; van Leeuwen, 2006, 2021). A pesquisa é de caráter descritivo-analítico de natureza qualitativa. Para a análise, que ocorreu por meio das categorias fundamentais da metafunção composicional: valor da informação, enquadramento (*framing*) e saliência, selecionamos uma charge intitulada “Oferecidas”, de Carlos Iotti, e uma tira intitulada “Problemas ambientais”, de Carlos Ruas. A charge e a tira representam a realidade social do meio ambiente, cujas publicações em ambientes virtuais como o *Blog*, por exemplo, são realizações materiais desses discursos que denunciam e apontam os problemas ambientais que afetam o Brasil. Esses discursos constroem-se de modo composicional pelo uso das linguagens verbal e não verbal, mas a construção do discurso se faz, principalmente, nesses textos, pelo discurso multissemiótico visual.

**Palavras chave:** multimodalidade; metafunção composicional; charge; tira.

**Abstract:** This article aims to analyze the manifestation of compositional meaning in environmental cartoons. This analysis follows the developments of Social Semiotics: the multimodal approach (Kress; van Leeuwen, 2001) and the Grammar of Visual Design (Kress; van Leeuwen, 2006, 2021). The research is descriptive-analytical of qualitative nature. For the analysis, which took place through the fundamental categories of the compositional metafunction: value of information, framing and salience, we selected one cartoon, entitled "Offerings" by Carlos Iotti, and another one, entitled "Environmental problems" by Carlos Ruas. The cartoon and the comic strips represent the social reality of the environment, whose publications in virtual environments such as the Blog, for example, are material realizations of these discourses that denounce and point out the environmental problems that affect Brazil. These discourses are constructed in a compositional way through the use of verbal and non-verbal languages, but the construction of the discourse is mainly made, in these texts, by the visual multisemiotic discourse.

**Key-words:** multimodality; compositional metafunction; cartoon; comic strips.

### Introdução

A comunicação humana ocorre tanto por meio da modalidade verbal como da modalidade não verbal. Os textos que circulam na sociedade contemporânea, sejam eles impressos, orais, digitalizados, dentre outros,

<sup>1</sup> Apoio: CAPES - Processo 88887.971124/2024-00.



possuem mais de um modo semiótico e são configurados para significar, comunicar e divulgar discursos de vários vieses.

A Semiótica Social, teoria que sustenta a abordagem multimodal e a Gramática do *Design Visual*, investiga práticas humanas, o fazer significar do homem, suas ações como sujeito plurisemiótico na sociedade onde habita. Esta ciência estuda a comunicação humana e sua produção de sentidos em vastos contextos sociais.

A multimodalidade é traço característico dos textos que circulam no mundo, sejam eles impressos ou digitais, que se imbricam, se interconectam e se orquestram para a produção de sentidos e construção de discursos neles presentes, visto que, os textos que são produzidos, compartilhados e acessados pela sociedade, apoiados, particularmente, pelas tecnologias de comunicação e informação, são atrativos, dinâmicos e holísticos, dado que eles dialogam com outras interfaces semióticas, como é o caso da charge e da tira, objeto de estudo que deliberamos para analisar neste artigo.

Diante disso, considerando a assertiva de que estamos situados em um mundo significativo e globalizado, cujos textos com que temos contato todos os dias ora nos ensinam, nos provocam emoções e despertam nosso senso crítico, ora nos manipulam, nos convencem e nos orientam, propomos, neste trabalho, analisar a manifestação dos significados composicionais em charge e tira de temática ambiental, a fim de compreender como as multissemioses presentes nesses textos contribuem para a construção dos discursos de denúncia e preservação ambiental.

Para isso, embasamo-nos nos pressupostos de Kress e van Leeuwen (1996[2006, 2021])<sup>2</sup>, por meio da metafunção composicional, que é uma das metafunções que integram a Gramática do *Design Visual* (GDV), de onde definimos as categorias analíticas: valor da informação, saliência e enquadramento para analisar uma charge e uma tira.

Este estudo se justifica, dentre outros aspectos, por explorar os significados composicionais dos textos que contribuem para o processo de leitura crítica, análise e compreensão de charges e tiras, gêneros que se

---

<sup>2</sup> 1996 é o ano da primeira edição da Gramática do *Design Visual*. Neste artigo, primamos pela versão de 2006 e também pela versão mais atual, datada de 2021.



destacam pela abordagem de temas sociais, atuais e relevantes e por fazer críticas à sociedade por meio do humor.

Para conduzir o leitor, além das considerações introdutórias, a seção a seguir trata das multissemioses em textos discutida por autores que seguem essa abordagem de estudo; posteriormente, escrevemos sobre a metafunção composicional da Gramática do *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (1996[2006, 2021]); em seguida, apresentamos a análise, que traz as categorias de base da metafunção composicional presentes na charge e na tira e as considerações finais, que sumarizam os resultados.

### **Multissemioses em textos: vozes que se complementam**

No Brasil, as pesquisas que discutem sobre Semiótica Social e seus principais desdobramentos, tais como a abordagem multimodal e a Gramática do *Design Visual*, a exemplo de Dionísio (2011, 2013), Santos (2013), Vieira e Silvestre (2015), Gualberto (2016, 2017), Gualberto e Santos (2019), Gualberto e Pimenta (2019), Silveira (2019), Gualberto, Brito e Pimenta (2021), Tiburtino (2022), Ribeiro (2016, 2018, 2021, 2022), Santos e Gualberto (2023), Souza (2024) são inspiradas em Hodge e Kress (1988), Kress e van Leeuwen (2001), Kress (2000, 2010, 2014, 2015), Kress e van Leeuwen (2006, 2021) e van Leeuwen (2005, 2011, 2014).

Para esses autores, todo texto possui mais de uma modalidade em si e para um texto ser multimodal não precisa de ele estar acompanhado de imagens, visto que, ao escrevermos, fazemos escolhas e estas dizem respeito às possibilidades de tipos de letras que podemos utilizar, à escolha de cores, ao uso de entonações, à diagramação, ao alinhamento das palavras (esquerda, direita, centro), dentre outros aspectos.

Essas possibilidades nos textos são possíveis por meio da contribuição das tecnologias, de aplicativos que usamos no desenvolvimento e edição de textos, como o *Word* e suas possibilidades de *design*, *layout*, tipografias, cores da fonte, realce e efeitos de texto etc.; o *Power Point* e os distintos tipos de molduras que podemos escolher na composição de *slides*; o *Canva* e as



inúmeras formas de produzir panfletos, mapas mentais, anúncios, convites, vídeos, etc., por exemplo.

No entanto, antes das tecnologias, os textos já possuíam um certo tipo de multimodalidade (Kress; van Leeuwen, 2021). Amparada nesses autores, Tiburtino (2022, p. 28) reforça que a multimodalidade não é algo inédito, posto que, “desde as remotas tentativas de interações humanas (na pedra, no papel, na pele, no papiro, na voz, no gesto), recorreremos a mais de um modo de comunicação”. Esses modos, conforme a autora, articulam-se “na escrita, na leitura, na fala, nas trocas de ideias e opiniões, nos diálogos e no convívio em sociedade”.

Por isso a multimodalidade é traço constitutivo dos textos e das formas de interação. Então, apoiados na teoria da Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988, p. 261, tradução nossa<sup>3</sup>), que “está preocupada em primeiro lugar com a semiose humana como um fenômeno inerentemente social em suas fontes, funções, contextos e efeitos”, Kress e van Leeuwen (2001, p. 28, tradução nossa<sup>4</sup>) defendem que “todos os aspectos da materialidade e todos os modos reunidos em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para o significado”.

Além disso, a Semiótica Social

“se preocupa com os significados culturais construídos através dos percursos completos das formas semióticas, através dos textos semióticos e práticas semióticas, em todos os tipos de sociedade humana por todos os períodos da história humana” (Hodge; Kress, 1988, p. 261, tradução nossa<sup>5</sup>).

A partir das considerações desses autores, a multimodalidade explora a produção de significados, por meio dos vastos modos e meios possíveis de significação que estão disponíveis na sociedade, tais como imagens, palavras,

---

<sup>3</sup> “is primarily concerned with the human semiosis as an inherently social phenomenon in its sources, functions, contexts and effects” (Hodge; Kress, 1988, p. 261).

<sup>4</sup> “all aspects of materiality and all modes brought together in a multimodal object/phenomenon/text contribute to meaning” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 28).

<sup>5</sup> “It is also concerned with the social meanings constructed through the full range of semiotic forms, through semiotic texts and semiotic practices, in all kinds of human society at all periods of human history” (Hodge; Kress, 1988, p. 261).



sons, movimentos que se agrupam em gêneros de diversos tipos, como charges, tiras, anúncios publicitários, *memes*, jornais, revistas, *outdoor*, etc.

Esses textos são especialmente construídos e relevam as nossas relações com a sociedade, como ela os acolhem e os utilizam no cotidiano, e são organizados por meio dos recursos semióticos que são as formas pelos quais os modos se consolidam nos textos verbais e não verbais, como as expressões faciais, tamanho das letras, gestos, cores, olhar, etc. Desse modo, os recursos semióticos “[...] são produtos das práticas de construção social do significado (trabalho semiótico) de membros de uma comunidade ao longo do tempo, sempre como encontro de necessidades daquela comunidade [...]” (Jewitt; Bezemer; O’Halloran, 2016, p. 71, tradução nossa<sup>6</sup>).

Em textos verbais e em textos que articulam os modos verbal e não verbal, por exemplo, quando queremos expressar intensidade nas palavras utilizamos advérbios, como “muito”, “mais”, “bastante”, entre outros. Essa intensidade pode também ser percebida na fala (pela sonoridade), na cor (pela saturação e matiz) e nos gestos (pelos movimentos gestuais). “Todos são recursos culturais construídos socialmente; todos manifestam amplamente o mesmo significado” (Kress; van Leeuwen, 2021, p. 42, tradução nossa<sup>7</sup>).

Segundo van Leeuwen (2005), os recursos semióticos que utilizamos na produção de textos, de modo a deixá-los mais dinâmicos e atrativos, são, ainda,

[...] ações, materiais e artefatos que usamos para propósitos comunicativos, mesmo que fisiologicamente – por exemplo, com nosso aparato vocal, os músculos que usamos nas expressões faciais e gestos – ou tecnologicamente – por exemplo, caneta e tinta, ou computador *hardware* e *software* – em conjunto com as maneiras pelas quais esses recursos podem ser organizados (van Leeuwen, 2005, p. 285, tradução nossa<sup>8</sup>).

<sup>6</sup> “[...] Semiotic resources are the product of social meaning making practices (the semiotic work) of members of a community over time, always as meeting requirements of that community” (Jewitt; Bezemer; O’Halloran, 2016, p. 71).

<sup>7</sup> “All are socially made cultural resources; all realize broadly the same meaning” (Kress; van Leeuwen, 2021, p. 42).

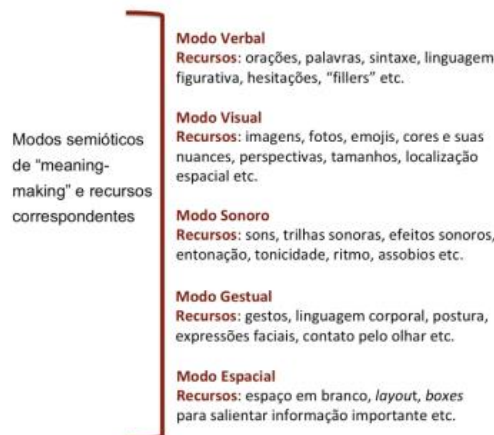
<sup>8</sup> “Semiotic resources are the actions, materials and artifacts we use for communicative purposes, whether produced physiologically - for example, with our vocal apparatus, the muscles we use to make facial expressions and gestures - or technologically - for example, with

Esses recursos oferecem potencialidades de construir sentidos, tanto na instância da comunicação como na instância da representação. Para explorar os modos e recursos em textos, Gualberto e Santos (2019) elaboraram os seguintes questionamentos que podem servir de norte para o professor em sala de aula, caso ele queira trabalhar com charge, tira ou com qualquer outro gênero, por exemplo.

“Qual modo carrega mais informação (*functional load*) em relação a outros? Como cada modo contribui para o significado que está sendo construído? Como os recursos semióticos são disponibilizados para os produtores de signos e por quem?” (Gualberto; Santos, 2019, p. 7).

Nessa mesma linha de pensamento, Dias (2018) lista abaixo (Figura 1) os modos semióticos e seus recursos que contribuem na produção de textos e dos diversos sentidos que deles emergem.

Figura 1: Modos semióticos e seus recursos



Fonte: Dias (2018, p. 164).

A Figura 1 ilustra os diversos meios possíveis (palavras, gestos, imagens, sons, olhar, etc.) para a comunicação e construção de sentido de um texto. Os modos e recursos semióticos se orquestram, conversam entre si, deixa o texto mais dinâmico, atrativo e permeado de significados. Na escola, por exemplo, sobretudo nos círculos de leitura, quando o docente trabalha com textos que possuem mais de um modo semiótico, os discentes sentem-se instigados a ler e ver as ilustrações do texto. Ou seja, ler um conto, uma

---

pen and ink, or computer hardware and software - together with the ways in which these resources can be organized" (van Leeuwen, 2005, p. 285).

crônica, uma receita e ver as ilustrações que partem desses gêneros contribuem para a construção dos seus significados e da comunicação. Isso também reverbera em textos como a charge, a tira, o *meme*, o cartum, dentre outros, que já vêm ilustrados.

A esse respeito, Tiburtino (2022, p. 99) aponta que

os modos e recursos não funcionam sozinhos; há sempre uma orquestração de conjuntos multimodais, ou seja, um complexo de modos diferentes e, assim, com todos eles agindo simultaneamente, mesmo que cada um em sua função específica, é possível dizer que, no texto, o sentido advém de todas as modalidades separadamente e, ao mesmo tempo, é um efeito de todos os modos tecidos em conjunto.

Nessa perspectiva, os modos e recursos semióticos consentem a realização simultânea de discursos e tipos de interação. Como explanados na Figura 1, esses modos e recursos se combinam e podem “dizer o mesmo de maneiras diferentes, desempenhar papéis complementares [...] ou ser ordenados hierarquicamente [...]” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20, tradução nossa<sup>9</sup>).

Por isso que um texto é construído por fios e esses fios são os modos e recursos semióticos (palavra, imagem, cor, pontuações, tipografias, movimentos, etc.). A partir disso, podemos chegar à noção de multimodalidade “como o uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20, tradução nossa<sup>10</sup>). Logo, produtores de charges, tiras, anúncios publicitários, capas de revistas, por exemplo, “usam esses recursos, combinando modos semióticos e selecionando entre opções disponíveis de acordo com os interesses de uma situação de comunicação particular” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 21-22, tradução nossa<sup>11</sup>).

Para estudar a comunicação visual nas culturas ocidentais, Kress e van Leeuwen (1996 [2006, 2021]) desenvolveram a Gramática do *Design Visual*

<sup>9</sup> "To say the same thing in different ways, to play complementary roles (...) or be hierarchically ordered" (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20).

<sup>10</sup> "such as the use of various semiotic modes in the conception of a semiotic product or event" (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20).

<sup>11</sup> "use these resources, combining semiotic modes and selecting from available options according to the interests of a particular communication situation" (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 21-22).

doravante, GDV, que estuda a funcionalidade da linguagem, ancorada nas metafunções ideacional, interpessoal e textual<sup>12</sup>, de Halliday (1994). Para esses linguistas, assim como a gramática linguística descrevem como as palavras se agrupam em orações, sentenças e textos, “nossa ‘gramática’ visual irá descrever a maneira pela qual os elementos retratados – pessoas, lugares e coisas – se combinam em ‘declarações’ visuais de maior ou menor complexidade e extensão” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 2, tradução nossa<sup>13</sup>).

Como dissemos, a GDV dispõe de três metafunções que analisam imagens, a saber: a metafunção representacional, interativa e composicional<sup>14</sup>. Nosso foco, aqui, é na metafunção composicional, pois iremos analisar a manifestação do significado composicional em uma charge e uma tira de temática ambiental.

Sendo assim, na próxima seção, discorreremos sobre essa metafunção e explicamos as categorias que utilizamos para analisar a charge e a tira que selecionamos para compor o nosso objeto de estudo.

### **Os significados composicionais em textos**

Segundo Kress e van Leeuwen (2021), a fim de os elementos de uma imagem se organizem significativamente, a metafunção composicional organiza e integra os modos e recursos semióticos presentes no *layout* dos meios de comunicação. Unsworth (2004) reforça que essa metafunção nos consente analisar a forma que o valor da informação (esquerda, direita, topo, base, centro, margem) são distribuídos na imagem e como eles constroem o discurso multissemiótico visual.

Kress e van Leeuwen (2021) mencionam dois códigos semióticos que fornecem integração ao texto multimodal: o modo de composição espacial e o modo da composição temporal. No primeiro, texto e imagem são copresentes,

---

<sup>12</sup> Ver Santos (2013) e Santos e Pimenta (2014), que endossam as explicações de Halliday (1994).

<sup>13</sup> "our visual 'grammar' will describe the way in which the elements portrayed—people, places, and things—combine into visual 'statements' of greater or lesser complexity and extent" (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 2).

<sup>14</sup> Consultar a pesquisa de Souza (2024) que descreve, amparados nesses autores, essas metafunções, e exemplificam-nas.





como anúncios publicitários, tiras, charges, obras de arte, capas de revista; no segundo, tempo e imagem são copresentes, como filmes, músicas, danças.

Essas duas composições podem ser analisadas por meio de três categorias que se interconectam: o **valor da informação**, a **saliência** e o **enquadramento**, também chamado de *framing*. O valor da informação é constituído por dois processos, o da escrita e o da leitura. A escrita ocorre da esquerda para a direita, e a leitura de cima para baixo (Kress; van Leeuwen, 2006). Em uma imagem, o eixo horizontal corresponde ao processo de escrita e os elementos que a compõem, posicionados à esquerda, representam informações dadas, ou seja, já empreendidas pelo observador. Por sua vez, na mesma imagem, os elementos dispostos à direita, representam informações novas, portanto, desconhecidas pelo observador.

Ainda, nessa perspectiva, há o eixo vertical (eixo da leitura). Conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 186, tradução nossa<sup>15</sup>), nesse eixo, “a parte superior tende a fazer algum tipo de apelo emotivo para nos mostrar “o que poderia ser”; a seção inferior tende a ser mais informativa e prática, mostrando-nos “o que é””. A informação que consta na parte superior é chamada de ideal e a da parte inferior é chamada de real.

Em relação à saliência, Kress e van Leeuwen (2006) pontuam que é o recurso visível ao primeiro olhar do leitor para o texto. Para esses autores, tanto o dado como o novo podem ser salientes, mas pode ocorrer de numa composição visual o dado ser mais saliente de que o novo ou o novo mais saliente de que o dado. Isso também se aplica ao ideal e real e ao centro e margem (Kress; van Leeuwen, 2006). A saliência de uma imagem pode ser identificada pelo tamanho das letras, dos objetos, pela quantidade de cores, pela posição do texto, etc.

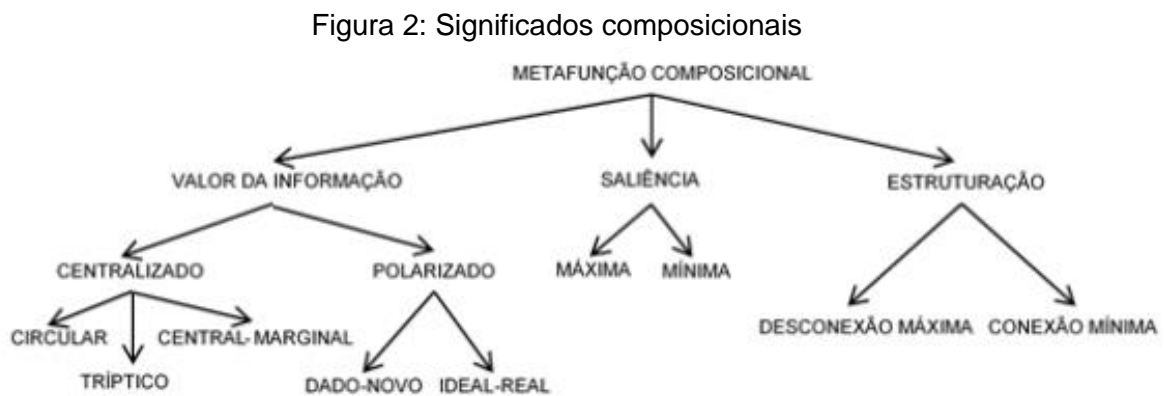
Já o enquadramento (*framing*) diz respeito à conexão entre os elementos da imagem. Para Kress e van Leeuwen (2006), quanto mais intenso for o enquadramento de uma imagem, mais ele será apresentado como uma unidade de informação separada, ou seja, numa composição visual, quanto

---

<sup>15</sup> "the upper part tends to make some kind of emotive appeal to show us "what could be"; The lower section tends to be more informative and practical, showing us "what it is"" (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 186).

mais separado for o elemento, mais destaque ele ganha em relação aos outros elementos.

Sintetizando as informações aqui apresentadas, vejamos abaixo (Figura 2) o organograma elaborado por Silveira (2019) em que apresenta a metafunção composicional e suas unidades de análise.



Fonte: Silveira (2019, p. 103).

Por meio desse organograma, Silveira (2019, p.104) explica-nos que a GDV “vê as imagens como uma composição de elementos que podem ser analisados individualmente, mas que, assim como a linguagem, só têm significado quando são integrados”, isto é, os significados que emergem dos recursos e modos semióticos aparelham-se e transmitem a mensagem que o produtor da imagem deseja comunicar ao leitor.

Na próxima seção, descrevemos o trajeto metodológico onde constam informações sobre o tipo de pesquisa, o método de investigação e o caminho de análise deste estudo, abrangendo, também, as especificidades inerentes às abordagens de base: multimodalidade e metafunção composicional, à luz da GDV (Kress; van Leeuwen, 2006, 2021).

### Trajeto metodológico

Este trabalho apoia-se metodologicamente nas abordagens Multimodalidade (Kress; van Leeuwen, 2001) e Gramática do *Design* Visual, com destaque na metafunção composicional (Kress; van Leeuwen, 1996 [2006, 2021]). Essas abordagens servirão de base para a análise da charge e da tira de cunho ambiental que propomos para este estudo, especialmente no que

tange à apreciação dos recursos multissemióticos e dos significados composicionais desses gêneros.

Atendendo às características e condições dessas abordagens, a análise do *corpus* é qualitativa. A pesquisa qualitativa tem em seu significado uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, considerando o contexto em que ele está situado e as características da sociedade a que pertence. Ainda, esse tipo de pesquisa propõe “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas” (Flick, 2007, p. 9).

Seguindo essa perspectiva do autor, este trabalho segue a abordagem descritiva-analítica, logo, descrevemos e analisamos cores, ambientação, movimento, etc., recursos semióticos que integram a charge e a tira, bem como os significados composicionais, quanto às categorias de análise: valor da informação, saliência e enquadramento (*framing*) e suas contribuições no processo de construção dos discursos de denúncia ambiental e da comunicação que emergem desses textos.

Para isso, escolhemos uma charge de Carlos Iotti intitulada “Oferendas”, veiculada no “GZH IOTTI” (GaúchaZH, jornal digital brasileiro) e originada no contexto da Festa de Navegantes, no dia dois de fevereiro. Escolhemos também uma tira de Carlos Ruas intitulada “Problemas ambientais”, veiculada no *blog* “Um Sábado Qualquer” onde constam tiras que despertam o senso crítico dos leitores por meio do uso de divindades religiosas. Propusemos esses textos porque eles denunciam as irregularidades do meio ambiente, a falta de preservação e o descaso ambiental causado pelo ser humano, e, também, por eles circularem nas mídias digitais permitindo as pessoas acessarem, comentarem e refletirem.

Nessa direção, a análise ocorreu da seguinte forma: analisamos, primeiro, as dimensões sociais do texto, por meio da temática que é tratada na charge e na tira: poluição. Nessas dimensões, conforme as orientações de Kress e van Leeuwen (2006, 2021), observamos o espaço visual fazendo distinções no valor da informação, ou seja, no valor dado de cada elemento contido na imagem, visto que a forma como esses elementos estão na charge



e na tira nos fornecem uma série de significados. Analisamos esses textos da esquerda para a direita e de cima para baixo. Observamos, ainda, dois sistemas relacionados: o dado/novo e o ideal/real.

O dado (demarcação horizontal) são os elementos colocados à esquerda e representam as informações dadas, já conhecidas pelos leitores, e os elementos colocados à direita constituem o novo, que são as informações que o leitor passará a conhecer. O ideal/real (demarcação vertical) são as informações colocadas de cima para baixo, cuja parte superior expressa a indignação dos participantes que compõem a charge e a tira por causa da poluição ambiental.

Em seguida, averiguamos a saliência desses textos, os destaques e ênfases que o chargista e o cartunista atribuíram em suas produções, por meio do uso de cores, de tamanho de letras, de pontuações, de elementos postos no centro etc., e como isso confere significados à charge e à tira. Posteriormente, analisamos o enquadramento (*framing*), no que diz respeito aos elementos de pertencimento e não da imagem, mas que significam e comunicam.

Diante disso, na seção que segue, analisamos, a partir das categorias de análise da metafunção composicional de Kress e van Leeuwen (2006), a charge e a tira que escolhemos para compor o objeto de estudo deste artigo.

### **Análise multimodal**

Nesta seção, daremos início a análise e a discussão da charge e da tira que delimitamos para este trabalho, de acordo com as contribuições de Kress e van Leeuwen (2001, 2006). Iniciaremos com a charge intitulada “Oferendas”, de autoria de Carlos Iotti.



Figura 3 - Oferendas



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/iotti/noticia/2020/02/iotti-oferendas-ck65k377e0dkf01mv2eoclmah.html>

Esta charge trata da poluição. Os elementos que ilustram esse acontecimento são a quantidade de lixo que consta no oceano, como garrafas de vidro, latas de alumínio, copos, restos de comida, plásticos, dentre outras coisas. Esse lixo afeta o ambiente dos seres aquáticos, contribuindo para a geração de doenças e conseqüentemente a sua extinção. De acordo com van Leeuwen (2005), todos esses elementos orquestram rimas visuais e potencializam a interpretação dos textos por meio de diferentes formas de leituras que contribuem para a construção de sentido desse texto.

A partir das contribuições de Kress e van Leeuwen (2006), no que toca ao valor da informação, vemos que o lixo e a areia, informações dadas, estão à esquerda da imagem (eixo horizontal), já a sereia, informação nova, está à direita da imagem (eixo vertical). A sereia ocupa mais a parte do ideal (topo) e ela assemelha-se à Iemanjá, entidade do Candomblé, culturalmente conhecida como rainha do mar.

A sereia/Iemanjá é o recurso visível ao primeiro olhar do leitor, pelo seu tamanho que é maior em relação aos outros elementos que compõem a charge, portanto, é a imagem mais saliente. Vemos que, além de olhar indignada para o leitor, a sereia/Iemanjá abre seus braços. Esses braços abertos faz uma intertextualidade com os braços abertos do Cristo Redentor. Pode, também, sugerir que a sereia/Iemanjá está com os braços abertos para receber as “oferendas” (como sugere o título). Sabe-se que, por exemplo, na passagem do ano, muitos fazem oferendas para essa entidade. No dia seguinte, nota-se a sujeira com que

se encontra a praia. Logo, aqui, há uma ironia, já que as oferendas são o lixo, e não rosas, o que demonstra falta de ética, respeito e senso crítico das pessoas que frequentam às praias.

Ainda, esses braços abertos, ou a própria lemanjá, servem como uma barreira, protegendo o mar dos lixos, ou seja, tentando impedir que eles adentrem, contudo não é isso o que está acontecendo, já que no canto direito, vemos alguns lixos no mar, inclusive, a cor deles é um azul igual ao dele, ou seja, já faz parte daquele mundo.

O enquadramento compõe o texto junto com o valor da informação e a saliência (Kress; van Leeuwen, 2006). Nesta charge, vemos que os elementos areia, sereia, água, nuvens e lixo se conectam e se desconectam entre si, por exemplo, a água, a areia, a sereia e as nuvens se conectam, ou seja, são elementos que pertencem à natureza, já o lixo se desconecta dessa rima visual, porque o lugar dele não é na areia e nem o mar, por isso a cor azul separa os elementos lixo e mar. O lixo espesso na areia tira a beleza do ambiente e evidencia o descuido de muitos brasileiros ao irem às praias e não zelarem esse espaço propício ao lazer, à saúde mental, à paz interior, à diversão e aos encontros familiares.

Esta charge provoca no leitor reflexões sobre aspectos ambientais, que envolve também aspectos sociais, políticos e ideológicos, uma vez que, diante da poluição do oceano, os seres marinhos são afetados e podem morrer contaminados. Neste texto, o chargista aborda um fato da realidade social que, ao ser construído na linguagem verbo-visual, conduz o leitor a interpretar e a refletir sobre o contexto social.

Além disso, esta charge representa a realidade do meio ambiente e a publicação na mídia social, *Blog do Carlos*, constitui-se uma estratégia de criticar, ironizar e denunciar os problemas ambientais no Brasil. Sendo assim, isso nos permite concluir que os discursos nas charges constroem-se pelo uso das linguagens verbal e não verbal, porém, a construção do discurso se faz, predominantemente, nessas charges, pelo discurso multissemiótico visual.

A seguir, analisamos a tira, intitulada “Problemas ambientais”, de Carlos Ruas.



Figura 4 - Problemas ambientais



Fonte: <https://imagohistoria.blogspot.com/2017/08/charges-problemas-ambientais.html>

Esta tira compara a antiguidade com os dias atuais, logo, para tal feito, recorre ao mito bíblico da saída do povo hebreu do Egito à Canaã. A tira está dividida em dois episódios: anos 2.000 A.C. e anos 2.000 D.C. Ambas ilustram uma pessoa liderando outras e todas estão indo em direção ao mar. A pessoa que está com um objeto na mão, que assemelha-se a um cajado, é o profeta Moisés, homem escolhido por Deus para libertar o povo dos maus tratos do Faraó, conforme afirma a Bíblia.

Nesta tira, quanto à poluição, há uma diferença entre os anos 2.000 A.C e 2.000 D.C. No primeiro quadro, nota-se que todos os participantes estão no deserto, porque a tira mostra uma grande quantidade de areia, sem presença de árvores e sombras, apenas algumas nuvens. Há, também, um mar, que, pelos comandos de Moisés, se divide em duas partes, direita e esquerda; no centro, vemos o seu fundo que é composto por areia. No segundo quadro, vemos uma cidade, porque há imagens de edifícios e carros. A imagem do mar também faz-se presente neste quadro, assim como a de Moisés e do povo que o segue. No entanto, no segundo quadro, nota-se que o fundo do mar está cheio de lixo, ou seja, está poluído.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), o primeiro quadro (anos 2.000 A.C), à esquerda, mostra informações dadas, ou seja, já conhecidas pelos leitores, visto que, ao olharmos para essa imagem, conseguimos, por meio de nosso conhecimento de mundo, nos remeter ao que aconteceu no

tempo de Moisés: a abertura do Mar Vermelho e a fuga dos hebreus para Canaã.

O segundo quadro, conforme os autores, é composto por informações novas, isto é, desconhecidas pelos leitores. O lixo espesso no fundo do mar é a informação nova, visto que, devido ao excesso de consumo e produção de objetos não biodegradáveis pelas indústrias, tais como vidros, plásticos, metais, latas alumínio, além da falta de conscientização das pessoas, quanto ao descarte de lixo em locais inapropriados, ambientes como o mar, por exemplo, é contaminado, implicando à vida e à saúde dos seres marinhos.

É interessante perceber o balão de fala que nos leva a interpretar o lixo, no segundo quadro, como uma barreira (dificuldade) para que o povo siga em frente, o que de fato o lixo é para nossos dias um grande problema que o homem terá que enfrentar para que a vida perpetue. Aqui, também há uma ironia.

A dualidade desta tira, A.C e D.C, nos permite refletir sobre os impactos do crescimento da população, do avanço das indústrias e da influência das tecnologias no mundo. Enquanto no tempo do profeta Moisés não havia máquinas que produzissem sacolas, garrafas pets, latas de alumínio, vidros etc., objetos que não sendo descartados adequadamente poluem e degradam o meio ambiente, hoje, em plena era moderna, há uma excessiva produção desses materiais que são utilizados pelos seres humanos, e, pela falta de conscientização de alguns, descartam em locais inapropriados, como ilustra o segundo quadro desta tira.

Quanto às cores que integram esta tira, pontuam Kress e van Leeuwen (2006, 2021), que elas são modos semióticos adequados para a era da multimodalidade, visto que combinam com outros modos semióticos em quase todas as situações, com imagens, tipografia, *layout*, etc., que comunicam, significam e constroem os discursos dos textos. Na primeira imagem desta tira, vemos cores bege (cor da areia), laranja, no fundo, remetendo aos raios solares, também é uma cor quente para remeter ao deserto, branco (cor das nuvens) e azul (cor das águas). Na segunda imagem, no fundo, há a presença da cor cinza (remetendo a poluição), por causa do excesso de lixo, a areia do





fundo do mar ficou marrom que, em certas ocasiões, alude a cor da sujeira (van Leeuwen, 2011).

Quanto à saliência, encontra-se na segunda imagem, precisamente, no centro, onde consta o lixo. Conforme Kress e van Leeuwen (2006), nas composições visuais, o dado e o novo podem ser igualmente salientes ou não. Em certas imagens, o dado pode ser mais saliente do que o novo e o novo mais saliente do que o dado. Nesta tira, por exemplo, o novo é mais saliente (imagem do excesso de lixo no fundo do oceano) do que o dado e é o que mais chama a atenção do leitor.

Quanto ao enquadramento (*framing*), todos os elementos verbais e não verbais desta tira se conectam, criando um pertencimento entre as informações. Nesta tira, os significados são elaborados por meio da integração de todos os recursos semióticos na construção em um todo significativo. Por meio dessa tira, o chargista retrata a realidade do meio ambiente, precisamente a do oceano. Além de toda composição multimodal que integra o texto, para entendê-lo, é importante conhecer o contexto histórico-cultural em que ele foi produzido, um contexto que envolve os princípios bíblicos e a era moderna.

### **Considerações finais**

Neste artigo, respaldamo-nos na abordagem multimodal para analisar uma charge e uma tira de cunho ambiental. Amparamo-nos, também, na metafunção composicional da GDV de Kress e van Leeuwen (2006, 2021). Por meio dessas abordagens, analisamos os recursos semióticos como cores, expressões faciais, olhar, movimentos etc., e percebemos como eles são importantes na construção dos discursos de alerta e devastação ambiental nesses textos.

Além disso, por meio das contribuições da multimodalidade, bem como das categorias de análise: valor da informação, saliência e enquadramento (*framing*) da metafunção composicional da GDV, percebemos como esses textos ilustram a realidade da sociedade brasileira, a falta de ética e responsabilidade de alguns brasileiros que descartam o lixo em ambientes



inapropriados, ocasionando danos ao meio ambiente, sobretudo ao espaço onde vivem os seres aquáticos, como ilustram a charge e a tira analisadas.

Diante disso, a análise desses gêneros aponta para as potencialidades crítico-reflexivas desses textos, que expõem a situação ambiental do Brasil, cujo espaço social utilizado para a divulgação, no caso, o “GZH IOTTI”, do Carlos Iotti, e o *blog* “Um Sábado Qualquer”, do Carlos Ruas, são realizações materiais desses discursos que criticam, comunicam, ironizam e denunciam os problemas ambientais desse país. Esses resultados nos permitem afirmar que os discursos nesses textos constroem-se de modo composicional tanto pelo uso da linguagem não verbal como pelo uso da linguagem verbo-visual.

## Referências

DIAS, Renildes. Entrevista. **Revista Polifonia**. Cuiabá-MT. v. 25, n. 37.1, p. 160-170, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n3/1984-6398-rbla-15-03-00711.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-639820156305>.

DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz.; BRITO, Karim Siebeneicher. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

DIONISIO, Ângela Paiva.; VASCONCELOS, Leila Janot. Multimodalidade, Gênero textual e Leitura. *In*: BUNZEN, Cécio.; MENDONÇA, Márcia. (org.). **Múltiplas linguagens para o Ensino Médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FLICK, Uwe. **Designing qualitative research**. Los Angeles: Sage, 2007.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa**: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do design visual. 2016. 181f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Faculdade de Letras, 2016.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Muito além das palavras**: leituras multimodais a partir da semiótica social. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

GUALBERTO, Clarice Lage.; SANTOS, Zaira Bomfante. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **DELTA**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-30, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350205>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/PSDbVKD68gR4FxSRyK4zLxt/>. Acesso em: 22 fev. 2024.



GUALBERTO, Clarice Lage.; PIMENTA, Sônia. **Semiótica social, multimodalidade, análises, discursos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

GUALBERTO, Clarice Lage.; BRITO, Regina.; PIMENTA, Sônia. Semiótica Social, Multimodalidade e Youtube: um estudo de caso sobre projeções de identidade. **Revista Texto Integral**, [S.], v. 2, n. 2, p. 7-41, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2021.e82410>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/82410>. Acesso em: 12 jun. 2024.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 2. rd ed. London: Edward Arnold, 1994.

JEWITT, Carey.; BEZEMER, Jeff.; O'HALLORAN, Kay. **Introducing multimodality**. New York: Routledge, 2016.

KRESS, Gunther Rolf. Multimodality. *In*: COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. (eds.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000, p. 182-202.

KRESS, Gunther Rolf. **Multimodality: a social semiotic approach to Contemporary Communication**. New York: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther Rolf. What is mode. *In*: JEWITT, Carey. **The Routledge handbook of multimodal analysis**. 2. rd ed. New York: Routledge, 2014, p. 60-75.

KRESS, Gunther Rolf. Semiotic work Applied Linguistics and a social semiotic account of Multimodality. **AILA Review**, [S.], v.28, p. 49-71, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1075/aila.28.03kre>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/aila.28.03kre>. Acesso em: 06 jun. 2024.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the Grammar of Visual Design**. 3. rd ed. New York: Routledge, 2006.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the Grammar of Visual Design**. 4. rd ed. New York: Routledge, 2021.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Edward Arnold, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: leitura e produção**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. 1. ed. São Paulo: Parábola: 2018.



RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. Multimodalidade e leitura: como ver e desver texto. *In*: ÂNGELO, Cristiane Malinoski Pianaro.; MENEGASSI, Renilson José.; FUZA, Ângela Francine. **Leitura e ensino de língua**. São Carlos, São Paulo: Pedro & João, 2022, p. 273-300.

SANTOS, Záira Bomfante dos. **A representação e a interação verbal e visual**: uma análise de capas e reportagens de revistas na perspectiva da Gramática Sistemico-Funcional e da Gramática do Design Visual. 2013. 257f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013. Faculdade de Letras, 2013.

SANTOS, Záira Bomfante dos.; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de sentidos. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 295-324, 2014.DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v12i2.7243>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SANTOS, Záira Bomfante dos.; GUALBERTO.; Clarice Lage. Semiótica Social e o legado de Gunther Kress: breve retrato histórico. *In*: SANTOS, Záira Bomfante dos.; GUALBERTO, Clarice Lage (org.). **Semiótica Social e Multimodalidade**: Um tributo a Gunther Kress. Vitória, ES: Edufes, 2023, p. 17-37.

SILVEIRA, Deise Mônica Medina. **Audiodescrição de Charges e Cartuns no Livro Didático Digital**: uma proposta de parâmetros à luz da Gramática do Design Visual. 2019. 257f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, Diones Bezerra de. **Multimodalidade em charges**: uma abordagem semiótico-discursiva. 2024. 144f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato-CE, 2024.

TIBURTINO, Vanessa. **A multimodalidade no livro didático de língua inglesa**: diálogo entre a paisagem semiótica dos textos e as orientações direcionadas ao professor e ao aluno. 2022. 365f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Faculdade de Letras, 2022.

UNSWORTH, Len. Comparing School Science Explanations in Books and Computer-Based Formats: the role of images, image/text relations and hyperlinks. **International Journal of Instructional Media**. [S/], v.31, n.3, p. 283-301, 2004. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1959.11/2094>. Acesso em 4 dez. 2023.



VIEIRA, Josenia.; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social.** Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

VAN LEEUWEN, Theodore. **Introducing social semiotics.** London e New York: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, Theodore. **The language of colour: an introduction.** First published by Routledge. USA and Canada, 2011.

VAN LEEUWEN, Theodore. Colour: code, mode, modality – the case of film and video. *In:* JEWITT, Carey. **The Routledge handbook of multimodal analysis.** 2. rd ed. New York: Routledge, 2014, p. 397-410.

## Sobre os Autores

### Diones Bezerra de Souza

dionesmacena10@gmail.com

Doutorando em Letras, na linha Texto e Construção de Sentidos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN); Mestre em Letras (2024), na linha Língua, Discurso e Identidades, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA). Membro do Grupo de Estudos em Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE/CNPq). Desenvolve pesquisas na área de Linguística, com ênfase em Semiótica Social e Linguística Sistêmico-Funcional, principalmente nos seguintes temas: texto e construção de sentidos, multimodalidade, Gramática do *Design Visual* (GDV), semiótica discursiva, ensino de Língua Portuguesa (leitura, produção textual e análise linguística).

### Maria Margarete Fernandes de Sousa

margarete.ufc@gmail.com

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2005); Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (1998). Professora Titular da Universidade Federal do Ceará e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos - GETEME/PPGLin/UFC. Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguística de Texto e análise do discurso, atuando principalmente em análise de gêneros, gêneros promocionais e nas estratégias de construção dos sentidos do texto: referenciação, intertextualidade, interdiscursividade, argumentação e multimodalidade. É membro do GT da ANPOL de Linguística de Texto e Análise da Conversação e da Academia Cearense da Língua Portuguesa - ACLP, ocupando a cadeira 13, desde 2017.

